

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: múltiplas narrativas em torno das festividades em louvor a Nossa Senhora do Rosário

Cairo Mohamad Ibrahim Katrib*
cairo@pontal.ufu.br

Resumo: O presente texto dialoga com a dinamicidade festivo-devocional em torno das comemorações à Nossa Senhora do Rosário da cidade de Catalão-Goiás, inserida no contexto múltiplo da História cultural e da cultura popular, procurando compreender os caminhos percorridos pela festa enquanto expressão de vida e pelos sujeitos que a ritualizam e atualizam, a cada ano, reelaborando manifestações culturais como as Congadas.

Palavras-chave: festividade – devoção – dinâmica cultural

Abstract: This text tells about the religious belief in the celebrations about Nossa Senhora do rosário in Catalão-Goiás; that is insert in the different aspects of cultural history and popular belief, trying to understand the different ways that this party has and the people that take part of it and make it a new thing. Each year they inovate in the cultural manifestations like the Congadas.

Key-word: c elebrations - devotion - dynamic cultural

A festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário da cidade de Catalão, região Sudeste do Estado de Goiás, é uma comemoração que teve seu início por volta de 1880 e perdura por mais de um século sendo hoje, a mais popular e expressiva de Goiás, tendo na prática da Congada (manifestação cultural negra que envolve dança, fé, festa, e prática ancestral) a expressão maior dessa devoção no município.

Os festejos do Rosário em Catalão-GO têm nos seus espaços sagrados tidos como oficiais pela igreja católica, rituais diversos, ao mesmo tempo, complementares a festa cujas responsabilidades são bem demarcadas. As comemorações religiosas que ocorrem no Largo do Rosário (local onde a festa se concretiza) e no seu entorno – lugar de referência do sagrado-, ora são comandados pela igreja católica ora pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário demonstrando a multiplicidade e a re-significação dos sentidos atribuídos a fé e a festa.

À igreja cabe a realização de missas, terços e procissões. À Irmandade cabe organizar o desfile dos ternos de congos (grupos de dançadores devidamente caracterizados),

* Doutorando em História Cultural pela Universidade de Brasília-UNB e Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia-UFU. Professor da Universidade Federal de Uberlândia – Campus do Pontal/Ituiutaba-MG.

o levantamento do Mastro, a entrega da Coroa. Alguns eventos têm a participação comum como é o caso da alvorada que abre os festejos em louvor a Santa e das procissões, quando o pároco ou representante legal da Igreja participa da abertura e encerramento da festa excitando os fiéis à fé e devoção. É claro que nesses momentos não poderiam perder a oportunidade de se fazerem presentes também os políticos e as autoridades representantes da sociedade civil. Esses rituais não podem ser compreendidos apenas como complementares, antes de tudo, expressam a contradição e os conflitos inerentes à postura que a igreja católica, na maioria das vezes, assume frente à religiosidade popular. Diante disso, vejamos como os sujeitos incorporam e absorvem esses espaços dentro da dinamicidade estrutural que a comemoração apresenta unindo fé e festa como marcos da atuação do sagrado e do não sagrado nas comemorações do Rosário na cidade de Catalão-GO.

As comemorações que envolvem a festa do Rosário de Catalão-GO são marcadas por diferentes momentos. Momentos estes que unem e separam os sujeitos na dinamicidade de práticas e representações expressas no festejo. Tais representações perpassam uma multiplicidade de momentos simbólicos, rituais festivos e devocionais que, aparentemente, não são perceptíveis da mesma forma por todos os sujeitos sociais, já que teias são trançadas, relações estabelecidas, jogos de interesses criados. Todavia, na maioria das vezes, acabam despercebidos aos olhares comuns, pois cada um vislumbra a festa à sua maneira, o que acaba fragmentando os olhares de muitos como também e a forma de experimentá-la.

Numa comemoração que movimenta toda uma cidade, aglutinando fé e festa num mesmo acontecimento, são vários os elementos que compõem esse jogo elaborado de táticas e representações² contidas no seu cenário ritual. Dessa forma, a diversidade presente no conjunto dessas práticas e representações pode ser aqui compreendida dentro da dinâmica que alinhavam o sagrado ao profano, possibilitando-nos conceber a festa não dentro de um padrão uniforme, mas, com base na diversidade de ações e situações confrontantes num espaço coletivo. É justamente nesses espaços que se estabelecem as diferentes visões de mundo, de aceitação e compreensão dos elementos que permeiam a festa do Rosário de Catalão-GO: fé, religiosidade, devoção, diversão e interesses individuais.

Dessa perspectiva, analisando a natureza “simbólica das festas” (CASTRO, 2000) podemos afirmar que as festas mantêm com o cotidiano uma relação de licença poética: sem dele se esquecerem, até porque supõem laboriosos preparativos e meticulosa organização,

² Segundo Certeau, essas táticas são consolidadas a partir das relações sociais efetivadas no cotidiano sem existir uma fronteira entre o fazer e o sentir momentâneo. Ela é construída paulatinamente a partir das ações dos sujeitos no espaço. Daí a sua utilização com fins próprios pelos sujeitos que usam da percepção e da ação na construção desse cálculo de forças. Cf. CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer**. 6 ed., Petrópolis: Vozes, 2001.

dele se afastam temporariamente, introduzindo-nos num tempo especial por meio de elaborada linguagem artística e simbólica. Um tempo cíclico, fortemente ligado à experiência vital, cheio de conteúdos cognitivos e afetivos. Um tempo cíclico que entrecruza o calendário histórico e traz de volta, a cada ano, as diferentes festas do calendário popular.

Dessa forma, olhar a festa de forma múltipla é olhá-la num viés dinâmico de temporalidades e espacialidades expressas num momento coletivo cujo ritmo rompe o cotidiano e, por isso, vivenciam sentidos diferenciados aos impostos pelo tempo cronológico. Assim, a produção e a organização de uma festa é uma tarefa complexa e difícil, pois são vários os personagens e os papéis atribuídos a cada um dos sujeitos que juntos formam e dão sentido à realização dos momentos festivos, já que a sociabilidade popular produz a sua própria forma organizacional.

É possível então deduzir que os rituais festivos religiosos “alinhavam o sagrado e o profano, a fé e o festar, o calor da oração coletiva e o riso, a música e o dançar, solidariedade e (re) encontros” (MACHADO,2002:53). A isso acrescentamos que na dinâmica que entrelaça espacialidades e temporalidades festivas alinhavam-se também os jogos do interesse pessoais, já que algumas relações ideológicas são construídas e que, por sua vez, levam adiante as táticas desse jogo de interesses elaborado, permeando intencionalidades e sentidos múltiplos os espaços sagrados e profanos presentes na festa, conforme nos faz refletir Michel de Certeau (2001).

Frente a essa simbiose de inter-relações, o sagrado manifesta-se quase sempre como uma realidade inteiramente diferente da realidade dita como “natural” e o profano se integra a essa realidade, possibilitando a sua afirmação nessa junção de interesses e inter-relações. Assim, “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história” (ELIADE,1999, p.16). Por essa lógica, o sagrado torna-se “um instrumento para o entendimento de mundos diferentes dos nossos, daí a possibilidade de entrever o mundo profanizado, já que estes mantêm uma relação de reciprocidade com os sujeitos sociais” (PADEM,2001, p.132).

Dessa maneira, podemos afirmar que sagrado e profano estabelecem desde a Antigüidade uma simbiose de relações que marcaram, ao longo dos tempos, o processo histórico das sociedades e a perpetuação de práticas e celebrações que aproximam o homem comum do universo sobrenatural. Este expresso em diferentes tipos de objetos faz com que o homem se projete ao plano espiritual no momento em que cria sentido aos objetos concretos (re) significando suas funções, dando uma nova visibilidade ao tempo e ao espaço no qual se encontra inserido.

A Festa do Rosário é realizada a sete décadas numa região central da cidade, onde se encontra edificada a Igreja em homenagem a Santa, local de representação do sagrado, onde se realiza grande parte dos acontecimentos religiosos em homenagem a Virgem do Rosário. Em épocas de festa, em seu entorno se agrega, de forma bem definida, o espaço profano – área de lazer e comércio – que, juntos, formam um conjunto que dá sentido a dinâmica do festar e do rezar.

A rotina de cidade é rompida quando o mês de agosto se inicia e nas tardes de sábado ou domingo os sons da cidade é abafado pelo batuque das caixas dos Ternos da Congada (grupos de dançadores que compõe a Congada- Moçambiques, Congos, Marujos, | Marinheiros, Catupés-cacundas, vilões, Penacho etc), cujos dançadores se reúnem nos quintais ou à porta das casas dos capitães para os tradicionais ensaios.

Foi num desses dias de ensaios que encontramos com Maria do Rosário Silva Severino, filha do mineiro Joaquim Coelho, um dos dançadores da Congada mais antigo da cidade, fundador do terno Vilão Santa Efigênia, cuja dança trouxe juntamente com Antônio Severino da Silva da cidade de Campos Belos – Minas Gerais. Segundo ela, desde criança, participa da festa. Cresceu acompanhando o terno comandado pelo pai e foi justamente com o filho do companheiro de fé e festa de seu pai que se casou e constituiu família. Dona Maria do Rosário, cujo nome revela a fé de seus pais à Virgem demonstra ser, além de devota de Nossa Senhora do Rosário, uma das grandes incentivadoras da festa, pois atualmente, com a morte de seu pai aos 94 anos de idade, resolveu junto com seu marido Eurípedes Luís da Silva Severino e filhos, criarem um novo terno de Vilão na cidade.

Entre o corre-corre de organizar a casa para receber os dançadores do novo terno, A família Silva Severino preocupa-se em receber bem e em acomodar a todos diante das imagens de Nossa Senhora Aparecida e do Rosário estampadas na parede da sala de sua casa. Estas imagens estão expostas em sua estante, ao redor da qual os mais fervorosos, juntos, fazem seus pedidos para que o terno comece seu primeiro ensaio com a proteção das duas santas e, para tanto, rezam o terço pedindo as proteções necessárias. O espaço da casa, em especial a sala, onde se encontram as imagens de devoção da família, é espaço de encontro com o sagrado e de efervescência devocional.

Esse ritual se repete por toda a cidade, principalmente na primeira tarde de domingo do mês de Agosto, data em que a maioria dos ternos inicia os preparativos para a festa a ser realizada no mês de outubro. Reunidos em torno da Virgem do Rosário oram em prol de uma boa apresentação durante os dias da festa oficial e para que consigam equipar o terno com os instrumentos e vestimentas necessárias. Esse momento de súplica e fé é

conduzido depois dos momentos de festa que cada terno realiza nos almoços e churrascos coletivos nas cozinhas e nos quintais das residências humildes dos capitães. Ali a fartura e a descontração marcam a quebra da rotina da semana que foi de muito trabalho e obrigações. Todos se divertem e compartilham deste momento mais particular de cada terno. Ali naquele momento sagrado e profano se misturam e nesses espaços ocorre o congraçamento da fé e da vida com devoção, oração e festa.

Esses momentos são vivenciados e articulados de diferentes maneiras. O reencontro entre os sujeitos em torno da fé e da festa não se resume a participação nos ritos oficiais comandados sobre a batuta da igreja católica dos devotos da Santa, posto que para grande parte desses devotos os ensaios são momentos de reencontro com o Divino muitos mais intensos do que se estivessem participando de uma missa comandada pelo Pároco ou outra atividade religiosa empreitada pela igreja católica, pois é ali que reverenciem e evocam, através de orações e intenções, todos os antepassados que um dia incentivaram a manutenção dessa prática cultural e que representam a persistência e resistência da cultura negra no tempo presente.

Assim, quando no quintal da família Arruda, durante o ensaio do terno, encontramos um altar improvisado com a imagem de Nossa Senhora do Rosário e junto desta o bastão do capitão com fitas coloridas numa de suas extremidades para ser abençoado, no outro canto se encontra outro altar. Este com fotos do fundador do terno já falecido que é reverenciado pelos presentes e que se presentifica naquele espaço através da sua fotografia que simbolicamente representa a sua presença.

No altar com a imagem da Santa de devoção é posto o bastão que tem um significado mítico importante, pois é um elemento que simboliza o poder do capitão em guiar o seu batalhão durante os ensaios e a festa. É com este bastão que ele conduz o terno durante os dias da festa oficial. É com ele que evoca os ancestrais a estarem ali naquele momento e a partilharem, juntos de todos os rituais festivos devocionais. É com os gestos feitos com o bastão que o capitão entoa as músicas, estabelece o ritmo da batida das caixas, fala com os dançadores estabelece contado com o sobrenatural e venera Nossa Senhora, abrindo caminhos e pedindo a sua proteção contra os males que por ventura vierem afligir o terno por ele comandado. É o bastão o elo entre passado e presente.

Todas as orações são feitas dentro dos moldes católicos e, inclusive as músicas cantadas naquele ritual são músicas desta liturgia, contudo não deixam de serem ainda representações ancestrais e momentos de busca de sua origem étnica. Após o término da reza, o capitão se dirige ao altar, juntamente com seus familiares, se ajoelham, fazem suas orações

pessoais para, posteriormente, lançar mão do bastão abençoado dando o sinal esperado pelos dançadores que, ao som do apito e do movimento com o bastão, começam a afinar seus instrumentos iniciando-se o ensaio do domingo.

Por outro lado, os presentes naquele espaço, são abençoados não só pela reza do terço, uma prática do catolicismo brasileiro, mas também pela força dos ancestrais que são evocados pelo canto e pela dança dos congadeiros que recebem proteções diversificadas, já que no local, sempre às escondidas, é feito a preparação do espaço com lavagem do terreno com preparado de água, guiné e arruda e na copa das árvores ou nas quinas das casas são cruzadas folhas de “Comigo ninguém pode” e “Espada de São Jorge”, plantas utilizadas para impedir “mal olhado ou olho gordo”.

Independente das formas de expressão de devoção e proteção, a fé dessas famílias podem se materializar em objetos não tão visíveis à população em geral. Estão nos abrigos de seus lares e se travestem em imagens, terços, velas, fitas, bastões e bandeiras, venerados em altares construídos artesanalmente por ocasião dos ensaios dos ternos, tornando aquele espaço sagrado. Em muitos casos eles são presença constante durante todo o ano, apenas rearranjados na época dos ensaios, posto que simbolizam muito mais que a devoção a santa protetora; é elo que liga o real ao sobrenatural e evoca a presença de seus ancestrais, como destacamos acima como ocorre na residência de Maria do Rosário Silva Severino.

Chegada à segunda metade do mês de setembro, a movimentação em torno das festividades aumenta nas ruas do bairro onde se encontra a igreja do Rosário. Meios-fios recebem uma nova pintura, placas de “aluga-se” se espalham pelas casas do bairro oferecendo o aluguel de garagens, quintais e outros espaços; um grande rancho rústico – feito de estrutura de madeira e coberto com folhas de babaçu ou lona - é erguido em frente à igreja do Rosário – marco da parte profana da festa. O ranchão recupera o caráter de festividade rural assumido em virtude do processo de transferência da festa do espaço rural para o urbano nos anos de 1930.

Os reflexos da festa começam a ganhar forma não apenas pelos sons emanados das caixas e das músicas entoadas pelos dançadores nos finais de semana. As pessoas começam a fazer suas economias para gastar no grande comércio da festa, uma vez que podemos observar uma queda expressiva nas vendas do comércio local evidenciadas pelo grande número de promoções para atrair os clientes. Mesmo assim muitas liquidações e promoções não surtem os efeitos esperados, porque a população espera é a chegada dos tradicionais barraqueiros – comerciantes ambulantes que saem de festa em festa vendendo

seus produtos o que, para muitos moradores da cidade reflete a chegada das “novidades” dos grandes centros urbanos, disponibilizados a todos a preços acessíveis.

Diante disso, o cotidiano dos moradores que residem próximos do local onde a festa se realiza começa a ser modificado, pois a tranquilidade do bairro cede lugar ao barulho de serrotes e martelos que ajudam na montagem das barracas de comércio que irão oferecer a população da cidade e região uma gama variada de produtos e diversão.

A difusão do sagrado no espaço limitado da festa é atribuída à parte religiosa-devocional presentes nas procissões, missas, reza do terço, enquanto que a parte profana é mediada pelas relações comerciais, de lazer, entretenimento, marcado pela presença de barracas de comércio, danças, leilões e outras atividades desenvolvidas no Ranchão da festa, como também nas ceias ali realizadas. A elas se agregam outras formas de lazer e entretenimento como o parque de diversão, as boates improvisadas e os prostíbulos existentes no espaço da festa que, muitas vezes, utilizam como fachada o rótulo de bares, boates, pensões. Até mesmo residências se transformam em espaço de prazer, sem contar que, em muitas ocasiões, esses serviços são oferecidos por homens e mulheres, a seus clientes, nas próprias ruas onde se realiza a festa, tendo como clientes, na grande maioria das vezes, os próprios barraqueiros.

Não podemos deixar de considerar que os espaços sagrados e profanos não existem apenas na área onde a festa se realiza oficialmente, e nem é marcada unicamente pelo espaço da igreja. Para o devoto evocar Nossa Senhora do Rosário nos dias de festa ou fora dele não existe local específico. Esse encontro entre fiel e Santa pode se dar nos ensaios dos ternos de congos quando juntos rezam o terço na rua, no quintal ou no interior da casa do capitão ou quando os devotos fazem suas promessas a serem pagas acompanhando um terno de congo, dançando ou oferecendo um almoço ou lanche aos dançadores. Muitas vezes durante a passagem de um terno pela porta de sua casa, pede-se permissão ao capitão para que a bandeira do terno, com a imagem da Santa seja levada a todos os cômodos para serem abençoados.

Esses momentos tornam-se também momentos de encontros, de celebrações festivas, marcados pela comilança, pela bebida e pela alegria estampada no rosto de quem cumpre sua promessa ou por aqueles que o vivem como expressão da diversão e do conagração coletivo, escapando dos espaços delimitados pela festa oficial, que tem a coordenação da paróquia e da autoridade religiosa.

Quando vemos um batalhão de dançadores andando pelas ruas da cidade debaixo de sol ou chuva, com as mãos calejadas ou sangrando em virtude da força com que tocam

seus instrumentos, ou crianças pequenas carregadas nos braços pelas mães, vestidas a caráter percorrendo quilômetros e quilômetros em cortejo pelas ruas da cidade, notamos que todas aquelas atitudes expressam a fé particular de cada um; o acreditar que por meio destes atos estas possam agradecer as bênçãos recebidas ou buscar a concretização das mesmas. O fato é que há diversas maneiras de estar em contato com o sobrenatural e a fé não esbarra apenas nos lugares ditos, oficialmente sagrados. Entre essas formas, temos o cortejo como principal delas.

Estes cortejos são movidos pelo som das caixas (instrumento de percussão mais utilizado nos ternos) dos dançadores de congo e pelas vozes descompassadas dos fiéis que, com suas lanterninhas confeccionadas de papéis coloridos, iluminam o caminho para os ternos de congo conduzirem a imagem da Santa à igreja do Rosário, levada pelas mãos dos festeiros e guiada pela multidão de fiéis que entoam cânticos católicos, abafados pela musicalidade sonora dos ternos que louvam, rodopiam, cultuam seus orixás e reverenciam Nossa Senhora do Rosário, ritualizando o culto aos orixás e as divindades ancestrais. Nesse compartilhar devoções as ruas na porta da igreja, uma outra multidão espera a chegada da Santa, pois acreditam que ali, pela presença do vigário, seja o lugar de maior expressão de religiosidade e da fé católica.

Assim, a existência desses espaços congrega dimensões distintas que perpassam o âmbito do sagrado e do não sagrado, numa totalidade em que se torna impossível dissociá-los, mas sim diferenciar as suas funções, que são complementares e não excludentes, pois estes espaços se fundem durante a festa a um conjunto complexo de barracas espalhadas pelas ruas do bairro, formando verdadeiros interstícios que levam ao lazer, ao divertimento, a prostituição, ao comércio, as comilanças, à fé e a festa como um todo.

Dentro dessa perspectiva, o espaço da festa e a dinâmica do sagrado/profano podem ser estabelecidos separadamente dentro dos momentos da festa oficial, porém não se passa despercebido a inter-relação existente entre eles, mesmo que nos cartazes espalhados pelo município anunciando a festa ainda exista a divisão entre a parte religiosa e parte festiva.

Sabendo que o assunto não se esgota por aqui, estamos cientes de que oportuniza o desvelamento de novos olhares e de novas críticas, no sentido de estabelecer novos vínculos de reflexão com a festa do Rosário da cidade de Catalão. O caminho está aberto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERKENBROCK, Volney J. **a festa nas religiões Afro-brasileiras- a verdade torna-se realidade.** In: PASSOS, M. (org) **A Festa na Vida –Imagens e Significados.** Petrópolis:Vozes, 2002.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de. **Cultura popular: um olhar sobre a cultura brasileira.** Brasília: MEC, 2000.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer.** 6ª ed. Petrópolis:Vozes, 2001.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa – O sistema totêmico na Austrália.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência. A essência das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações.** In: PATRIOTA, Rosangela e RAMOS, Alcides Freire (orgs). **História e Cultura: Espaços Plurais.** Uberlândia: Aspectus, 2002.

PADEM, W. E. **Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião.** São Paulo: Paulinas, 2001.